

CAMÕES E HAROLDO DE CAMPOS – MÁQUINAS DO MUNDO

CAMÕES AND HAROLDO DE CAMPOS – MACHINERY OF THE WORLD

CAMÕES Y HAROLDO DE CAMPOS – MAQUINARIA DEL MUNDO

Maria Aparecida Carvalho

DOI: https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2024v27n2_a02

RESUMO: Neste artigo, propomo-nos a realizar uma breve apreciação acerca das reflexões presentes na produção literária de dois grandes poetas. Partindo da grandiosidade de Camões, abordamos seus reflexos na poesia brasileira, por meio de Haroldo de Campos. Para tanto, de forma qualitativa, na pesquisa bibliográfica apresentada, a partir do episódio da “Ilha dos Amores”, no Canto X d’ *Os Lusíadas*, discutimos, especificamente, os prismas do amor na obra de Camões e a interlocução temática, de forma mais abrangente, com Haroldo de Campos, perpassando por outros autores que, interdiscursivamente, se aproximam do poeta português.

Palavras-chave: Camões; Haroldo de Campos; crítica literária; poesia.

ABSTRACT: In this article, we propose to carry out a brief assessment of the reflections present in the literary production of two great poets. Based on Camões' greatness, we approach his reflections on Brazilian poetry, through Haroldo de Campos. To this end, in a qualitative way, in the bibliographical research presented, based on the “Ilha dos Amores” episode, in Canto X of *Os Lusíadas*, we discuss, specifically, the prisms of Love on the work of Camões, as well as the thematic interlocution., in a more comprehensive way, with Haroldo de Campos, going through other authors who, inter-discursively, are close to the Portuguese poet.

Keywords: Camões; Haroldo de Campos; literary criticism; poetry.

RESUMEN: En este artículo nos proponemos realizar un breve balance de las reflexiones presentes en la producción literaria de dos grandes poetas. A partir de la grandeza de Camões, abordamos los reflejos de su obras en la poesía brasileña a través de Haroldo de Campos. Para ello, de manera cualitativa, en la investigación bibliográfica presentada, a partir del episodio la “Ilha dos Amores”, del Canto X de *Las Lusíadas*, discutiendo, especificamente, los prismas del amor en la obra de Camões y la interlocución temática de forma más comprensiva, con Haroldo de Campos, se hace un recorrido transversal por medio de otros autores que, interdiscursivamente, son cercanos al poeta portugués.

Palabras clave: Camões; Haroldo de Campos; crítica literaria; poesía.

Considerações iniciais

O seu “atrevimento” (palavra usada, n’*Os Lusíadas*, para caracterizar a viagem épica para o desconhecido) (Macedo, 2013, p. 26).

Da viagem à constituição humana, fonte e forma da própria aventura, apresentamos, neste estudo, um paralelo-síntese das reflexões presentes na produção literária de dois monstros de nossa poesia lusa e brasileira, Camões e Haroldo de Campos, entremeados por seu próprio tempo e suas próprias angústias. O primeiro, a partir do universo antropológico e neoplatônico, observador do mundo e de seus contrapontos; e o segundo, multifacetado por composições outras, fundantes de paradigmas atemporais. Não à toa, precisaremos mergulhar nos versos para nos revestirmos de seus espíritos e de suas caminhadas enquanto viajantes da memória, do amor e da história no conflito das engrenagens da máquina do mundo.

Hansen (2006) destaca que, para Foucault, os inventores de imagens caçam analogias, mas que a verdadeira imaginação poética é a da liberdade que medita sobre a identidade, e é nessa perspectiva que analisamos o amor em *Os Lusíadas*, o amor que acontece na busca da liberdade e do conhecimento. O Amor circularia como imagem não para fixá-la numa forma definitiva, e sim como dispositivo para acessar a poesia como o artifício que resulta de operações técnicas, pois para ele o poema é *poiema*, *produto* controlado racionalmente por preceitos. O artifício desse ato é operado como *máquina* ou *maquinação*, “invenção astuciosa”, como na expressão “máquina do mundo”, do Canto X.

A máquina do mundo e o Amor que queremos ressaltar neste estudo é a engrenagem maquinica, coisa mental, em que a liberdade do intelecto faz do poeta um demiurgo. A poesia não é apenas uma operação do mundo sensível, como sensação envolvida e perdida nas aparências, porque é ação da ordem do inteligível: “Transforma-se o amador na cousa amada\ por virtude do muito imaginar\ não tenho, logo, mais que desejar, \ pois em mim tenho a parte

desejada”. Há em Camões uma invencível alegria das formas sensíveis na qual reluz, transluz a beleza graciosa do Amor Universal, alegria condensada intelectualmente na alegoria da Vênus terrestre e celeste, como lemos no episódio da “Ilha dos Amores”. Seu juízo é movido pela *caritas* cristã, reconhecendo no sensível do mundo e da linguagem os vestígios, os rastros e as sombras do Amor que move o sol e as estrelas da grande máquina do mundo, assim como atesta Haroldo de Campos em seu poema *A Máquina do Mundo Repensada*.

Tendo em vista esses aspectos, por meio do episódio da “Ilha dos Amores”, no Canto X d’ *Os Lusíadas*, empreendemos uma pesquisa sobre o amor na obra de Camões, na clássica epopeia que aponta para uma versão inteiramente nova da procura do ‘bem’ ou da felicidade na terra, na vanguarda de seu tempo. Para Helder Macedo, no livro *Camões e a viagem iniciática* (2013), é evidente que n’ *Os Lusíadas* (como Fernando Pessoa procurou repetir em *Mensagem* e Cesário Verde em *O sentimento de um ocidental*) o propósito da transformação da história em poesia é a criação de um modelo iniciático que, entendido, sirva como uma chamada à “nova aventura que permita a transformação de um presente degradado num futuro regenerado” (Macedo, p. 57).

É assim que o valor da história parece ter mais a ver com a determinação do futuro do que com a celebração do passado, e, no entrecruzamento temporal, torna-se possível fazer uma leitura da obra da perspectiva da escala platônica do amor, modificado e adaptado por Camões na valorização do erotismo como possível veículo para o amor sublime.

O baixo amor equivale à degradante submissão do amor ao corpo, exemplificado mitologicamente em Adamastor – no momento do primeiro encontro de Portugal com uma força sobrenatural– demarcada pela ameaça divina ou o segredo personificado no monstro, que significa também o encontro do Gama com o gigante, marcando, geograficamente, a passagem do Atlântico para o

Índico ou do Ocidente para o Oriente, a entrada no mundo desconhecido.
Leiamos as palavras ameaçadoras que Adamastor dirige a Gama:

pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de mi que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento [...]
(Camões, 1963, v. 42, Canto V).

O amor misto, equivale à nobre integração do corpo no amor, em Inês de Castro: *As obras com que Amor matou de amores / Aquele que depois a fez rainha* (v. 134-135, Canto III).

O amor sublime, que para Camões é o amor à Pátria, na medida redentora da ascensão do espírito através do corpo, o amor de Vênus pelos portugueses; e, finalmente, na fusão da mitologia com a história, representada na “Ilha dos Amores”, como a gnose erótica, oferecida aos portugueses como prêmio do seu serviço à pátria:

Ali em cadeiras ricas, cristalinas,
Se assentam dois e dois, amante e dama;
Noutras, à cabeceira, de ouro finas,
Está co a bela Deusa o claro Gama
(v. 17-20, Canto XX).

A epopeia de Camões, animada de som e fúria, canta guerras barulhentas e viagens perigosas, grandes conquistas políticas e feitos brutais de homens ilustres, conferindo o sentido maior, muito além do contingente, como nas alegorias da “Ilha dos Amores” e da grande máquina do mundo, onde as contradições de seu mundo encontram sentido com a superação artística da história. A tópica do Amor erotiza também as experiências não eróticas, como a viagem de Vasco da Gama à Índia que é apresentada como a beleza intelectual de Eros, virtude unitiva, superior às contingências, por isso o *epísódio* da “Ilha dos Amores” e a Máquina do mundo são presentes dados como reconhecimento que,

apesar do desconcerto do mundo, nos oferece o Maravilhoso, a ação dos deuses, principalmente Vênus e o infigurável da transcendência da História humana (Hansen, 2006).

Chegamos então à “Ilha dos Amores” (Canto X). Cumprida a sua missão temporal, os navegantes têm agora direito à Apoteose. Neste momento do poema, a Ilha é o restabelecimento da Harmonia, de modo que a consagração e a transfiguração mítica dos Heróis, que na Ilha e pela Ilha se operam, são, também e sobretudo, a recolocação do Amor, do verdadeiro Amor, como centro da Harmonia do Mundo. Vejamos:

Vês aqui a grande máquina do mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assim do Saber alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada,
Que cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus; mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.
(estrofe 80 do canto X)

A forma do universo revelada na máquina do mundo é artifício do engenho divino, que a gera com razão, doutrina e ordem. A mesma máquina a que o poeta mineiro vira as costas, de mãos pensas. Nela se vê tudo que é; e a inspiração divina que a anima também faz ver o que será. Ela é, portanto, síntese do mundo poético de Camões.

Como consequência do merecimento da nação portuguesa, o encontro sexual de Tétis tem o valor simbólico da fusão do Ocidente com o Oriente: a morada mítica de Tétis era o extremo Ocidente, porém ela aparece “no Oriente para exaltar os portugueses, cujo reino olha os extremos ocidentais dos mares e os fecha numa inteireza universal de *mare nostrum*” (Macedo, 2013, p. 72).

A visão da “máquina do mundo”, n’*Os Lusíadas*, é inspirada n’o sonho de Cipião, na *Caritas Patriae*. Ao partilhar da valorização do amor à pátria, Camões traz uma dimensão humana que aponta para uma concepção extremamente

moderna da relação entre o indivíduo e a sociedade: “os propósitos mais altos são aqueles que se relacionam com o bem do Estado, mas na companhia desejada das Ninfas”.

A Máquina do Mundo Repensada, de Haroldo de Campos

A máquina do mundo repensada, de Haroldo de Campos, é um poema longo, dividido em três partes, baseado e inspirado em três textos poéticos: *A Divina Comédia*, de Dante, *Os Lusíadas*, de Camões — particularmente o já referido canto X, “A “Ilha dos Amores” — e o poema “A máquina do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade.

Na primeira parte, entremeiam-se e explicam-se as referências aos outros três poemas, anunciando e justificando o tema da máquina do mundo. Na segunda parte, o texto faz uma espécie de revisão da história da física moderna, focada principalmente nos debates e polêmicas em torno da questão do determinismo, o que, como pretendemos demonstrar, é fundamental para podermos interpretar o poema em sua relação com Drummond. Na terceira parte, entremeiam-se divagações sobre a teoria do Big Bang, sua validade ou irrelevância com memórias e questionamentos pessoais e subjetivos do poeta. A forma da relação que Campos (2005) estabelece entre os outros poemas: “na trina-e-una visão que resplandia” é a própria face do poeta. Assim, lemos em *A máquina do mundo repensada*: – e todos: camões dante palmilhando\ seu pedroso caminho o itabirano\ viram no ROSTO o nosso se estampando:

quisera como dante em via estreita
extraviar-me nomeio da floresta
entre a gata pantera e a loba à espreita
[...]
mas quisera também como o de ousada
fronte vasco arrostando - herói lusíada -
a admastor: gigântea alevantada
quisera tal ao gama no ar a ignota
(camões o narra) máquina do mundo
se abrira (e a mim quem dera!) por remota

mão comandada - um dom saído do fundo
e alto saber que aos seres todos rege:
a esfera a rodar no éter do ultramundo
[...]
o entrefólio desnuda tal-e-qual
ao bravo gama a máquina se oferta
do mundo - e expões ao olho de um mortal
ao capitâneo arrojo em prêmio aberta
drummond também no clausurar do dia
por estrada de minas uma certa
vez a vagar a vira que se abria
circumspecta e sublime a convidá-lo
no âmagô a contemplasse (e se morria
a tarde e se fechava no intervalo):
maravilha de pérola azulada
e madreperla e nácar - de coral o
seu núcleo - primo anel - álef do nada
e de tudo razão (que à teodicéia
e à glosa escapa e à não-razão é dada)
mas se o gama a esquadrinha e nela (a déia
tétis o guiando) a vista logo inflama
de espanto e fundo abisma e afina a ideia
[...]
de mágico pelouro por inteiro
o pasmasse: já o poeta drummond duro
escolado na pedra do mineiro
caminho seco sob o céu escuro
de chumbo - cético entre logo e cão -
a ver por dentro o enigma do futuro
incurioso furtou-se e o canto-chão
do seu trem-do-viver foi ruminando
pela estrada de minas sóbrio chão
e todos: camões dante e palmilhando
seu pedregoso caminho o itabirano
viram no ROSTO o nosso se estampando
[...]
desapeteceu: ciente estando embora
que dante no regiro do íris no íris
viu - alçando o topo a soada a hora -
na suprema figura subsumir-se
a sua (e no estupor se translumina)
e que camões um rosto a repetir-se
o mesmo em toda parte viu (consigna) -
drummond minas pensando não cedeu
e o ciclo ptolomaico assim termina...

A MÁQUINA

A ideia da observação dos nexos e sustentações do universo, a compreensão das relações entre poesia e ciência, da organização de sistemas cósmicos, se fez um tópico na poesia de todos os tempos — a máquina do mundo. O ato que torna possível uma viagem é ao mesmo tempo desvendamento e sabedoria, foi caro a muitos criadores e sempre foi posto como um desafio. A observação da *máquina do mundo* seria a da percepção mecânica que move os astros e rege as complexas relações, envolvendo princípio e fim; conhecimento e magia; arquitetura dos saberes; organização de princípios que permitem à ciência o entendimento do universo; e, no bojo de poéticas, uma superação de limites. Micro e macrocosmo, princípio e fim, natureza e cultura, ou seja, “O coro da natureza enche com seu volume sonoro o espaço em torno do poeta, que deseja pôr tudo em movimento” (Curtius, 1996). Haroldo de Campos (2005) retoma de uma forma especial este fazer. Insere aí o tema da senectude, e, se quisermos, o do ancião-jovem, tomando os seus setenta anos como pretexto de revisão, balanço e descoberta: “dante com trinta e cinco eu com setenta”.

RITMOS DO VERSO/VIAGEM

Haroldo constrói seu poema ao ritmo de mais uma viagem, num tom grandiloquente que, em certas passagens, até nos traz os registros mais solenes da epopeia. D’os *Lusíadas* retém formas, tópicos como a apresentação do gigante Adamastor, ou do herói Vasco da Gama e contrapõe com a modernidade do comentário inesperado, retomando linha a linha o primeiro grande poema do mundo redondo — *Os Lusíadas* (1963).

Nesse percurso, estão presentes discussões e retomadas, Dante e Camões, mestres e guias, como Virgílio fora para Dante. E é então que se vai ao encontro de Drummond (1967). Aproveitando o que o próprio poeta dissera, tem-

no por incurioso, quando se sabe que a *curiositas* é a “virtude” que preside às descobertas, valorizada ao extremo no Renascimento. Aqui, nesta máquina repensada, somos então levados a rever o itabirano, pois em Drummond, há toda uma perfeição para situar o ato da desistência de encarar com Dante e Camões a máquina do mundo: as mãos pensas no fim da tarde, conforme as condições que lhe oferece aquele fim do dia na estrada áspera de Minas, metáfora da vida e do processo criador em um texto de perfeição desafiante, como se vê:

E como eu palmilhasse vagamente
Uma estrada de Minas, pedregosa,
E no fecho da tarde um sino rouco
Se misturasse ao som de meus sapatos
Que era pausado e seco; e as aves pairassem
No céu de chumbo, e suas formas pretas
Lentamente se fosse diluindo
Na escuridão maior, vinda dos montes
E de meu próprio ser desenganado
A máquina do mundo se entreabriu
Para quem de a romper já se esquivava
E só de o Ter pensado se carpia.

O poeta joga, assim, com o diálogo Camões/Homero como se viu no canto X dos *Lusíadas*, no qual está, em grande síntese, a máquina do mundo. Também Camões tinha dito: “os fatos que Adamastor contou futuros”. Vemos, no trabalho de Haroldo, uma intensa recuperação de nossa língua, de tudo isso que nos traz uma certa arqueologia luso-brasileira que se presentifica. Em algumas passagens, mergulha na experiência barroca da linguagem, fazendo dela sua operação transgressora, sua e nossa compatibilidade, oferecendo-nos o primor de: “e se morria a tarde e se fechava no intervalo”. Chega a chamar a musa de Dante de: “bealuz, musa teologal doce/ tremenda” (de fazer tremer), contestando, de maneira sutil, o platonismo do mestre, como aliás já o fizera Camões em seu auto *Filodemo*.

Quanto a Camões, diríamos que sua Máquina parte, por um lado, de um certo orgulho da afirmação renascentista e, por outro, de uma oferta a ser conquistada com prazer, o prazer do corpo. Afinal são as ninfas que lhe vêm oferecer o entendimento mais pleno. O impasse se firma, porém, quando se trata

de “entender a Deus e a Deus ninguém entende”, como nos diz o poeta. Quanto a Haroldo, este já nos falara de sua firmada agnose. Mas será que não se depreende daí um esparso princípio religioso, sem rótulo ou filiação?

Em Drummond há delicadeza e perscrutação, contemplação da imensidade que se resolve no equilíbrio; em Haroldo, um desejo de espaços e de linguagens em experimentação, de sonoridades e de dicção, o elogio do oxímoro, da dúvida, da perplexidade, cabendo-lhe então perguntar: “desconsolada a gesta assim termina?” Há momentos, porém, em que o poema, enquanto *máquina repensada* toma a forma de um grande rito de purificação, que vai permitir a descoberta de segredos para os que buscam: “o nexo o nexo o nex...”, o fim das certezas, a grande e aberta exploração cognitiva, a aproximação dos permanentes enigmas, que às vezes se “des-enigam”. Fazer esta viagem com o poeta é participar de um itinerário que convida a repensar não apenas a Máquina do Mundo, mas a vida, a arte, caminhos e descaminhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No poema *A máquina do mundo repensada*, Haroldo de Campos reelabora a alegoria da máquina do mundo de Camões. Interessou-nos aqui o diálogo que Campos estabelece mais especificamente com o canto de *Os Lusíadas*, que é marcado não apenas pela evidente intertextualidade, mas que se funda num processo de invenção de precursores.

A novidade e a invenção do texto haroldiano residem no fato de dar novos usos a essas peças ancestrais, atualizando-as para o leitor, por meio de sua poética sincronicamente articulada, como a esfera a rodar no éter do ultramundo. Quando evoca Camões, Haroldo evoca as leituras de Camões, o esforço laborioso do maquinar do mundo camoniano, que recria e a partir do qual inventa novos modos de ser de sua poética. Ao fazer isso, sua palavra funde o canto da Musa ao das sereias e transfere a maquinaria da linha de montagem para o navio,

engendra viagem, navega, navega-nos. Como sabemos, navegar é sempre preciso, ainda que as rotas sejam árduas, ainda que seja árduo seguir a palavra-máquina do mundo

Discutir a poesia camoniana e sua reverberação no mundo nunca será suficiente. Como já considerado inicialmente, trata-se de fonte e forma da própria aventura na vida e na palavra. Trouxemos, para esse breve estudo, um paralelo-síntese das reflexões presentes e interseccionadas por meio dos autores apresentados, claramente distintos por seu tempo histórico, mas não por sua atemporalidade temática. Buscamos uma imersão nos versos apresentados a fim de melhor compreendermos, na proposta afetiva presente nos textos, a viagem humana situada nas engrenagens da máquina do mundo.

Por meio do episódio da “Ilha dos Amores”, no Canto X d’*Os Lusíadas*, realizamos uma breve explanação sobre o amor na obra de Camões, e, revisitando parcialmente, a “Ilha dos Amores” e a “Máquina do Mundo” tivemos oportunidade de renovar o saber e o sabor das viagens exploratórias, internas e externas, na busca da infinitude do mundo e, sobretudo, da clareza da pequenez e da infinitude humanas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de . A máquina do Mundo, in *Claro Enigma*. Obra Poética. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967. pp. 271-273.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* (Canto XX). Obra Completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963, p. 248.
- CAMPOS, Haroldo de. *A máquina do mundo repensada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- CAMPOS, Haroldo de. *Finismundo -a última viagem*. Ouro Preto: Tipographia de Ouro Preto, 1990.
- CAMPOS, Haroldo de. *Galáxias*. São Paulo: Ex-libris, 1984.
- CAMPOS, Haroldo de. *Pedra e luz na poesia de Dante*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

CURTIUS. Ernst. Robert. *Literatura Europeia e Idade Média Latina* (Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai). São Paulo: Hucitec-Edusp, 1996.

HANSEN, João Adolfo. A Máquina do Mundo [Camões]. *Poetas que Pensaram o Mundo*, v. 1, p. 157-197, 2006.

MACEDO, Helder. *Camões e a viagem iniciática*. Rio de Janeiro: Móbile, 2013.

PESSOA, Fernando. “Apontamentos para uma estética não-aristotélica”, in *Páginas de Doutrina Estética*. Lisboa: Inquérito, s/d, 2ª ed., 1980. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-672.pdf>. Acesso em: ago. 2024.

Breve currículo da autora

Maria Aparecida Carvalho é Professora PPGL – Estudos Literários. Doutora em Literatura Comparada pela UFMG. Pós-doutora em Literatura Brasileira – Haroldo de Campos e a poesia de vanguarda pela UFMG. Pós-doutora em Literaturas Latino-Americanas pela UFMG. Autora do livro de ensaios *O Catatau de Paulo Leminski: (des)coordenadas cartesianas*, o livro de poemas *Dois quartos*, em parceria com Hugo Lima e, mais recentemente, em março de 2024 o livro de poemas *Pretéritos amanhãs*. Desenvolve o projeto de pesquisa “Da cultura à literatura: fragmentos estéticos e filosóficos em *O livro do desassossego*, do semi-heterônimo Bernardo Soares e *Diários*, de Walter Benjamin – a conversa infinita”.